

Bruno Vieira produz a partir de questões e conceitos. O sentido de seu trabalho não deve ser, pois, buscado na coerência de um processo voltado para a invenção formal, centrada no fazer manual e no domínio técnico de um meio plástico específico (pintura, desenho, escultura, por exemplo), mas na concretização sensível de idéias e projetos com meios e procedimentos apropriados do cotidiano contemporâneo.

Objetos utilitários, decorativos e materiais industriais são combinados por Bruno com imagens tomadas a partir de meios tecnológicos como a fotografia e o vídeo, familiares não só aos amadores de todas as idades, como também aos profissionais da comunicação, aos técnicos, professores e cientistas. Isso talvez explique, em parte, a dificuldade do senso comum em reconhecer mérito artístico em produtos que aparentemente qualquer um de nós poderia fazer.

Mas não se deve perder de vista que quando um artista utiliza meios de produção visual tomados de outras práticas, ele fatalmente os desvia de seus usos habituais (ainda quando parece respeitá-los), reinscrevendo-os, por meio do filtro poético, no campo plural e abrangente da produção contemporânea.

Não seria errado afirmar que, de modo semelhante ao de muitos profissionais de outras práticas produtivas da atualidade, o *modus operandi* de Bruno Vieira baseia-se na montagem e na edição. Seu trabalho, no entanto, diverge daquele do fotógrafo, do cineasta, do videomaker, do jornalista e de todos os que têm de usar profissionalmente esses procedimentos operacionais.

Como um tributo pago ao campo genealógico de onde provém, Vieira concebe seus dispositivos de sonho e devaneio em sintonia com repertórios reconhecidamente originários dos campos da arte e da história da arte. Paisagem (Castelo de Areia, *Caixas do Tempo* e *Vista Inevitável*, de 2008) arquitetura (*Metro Quadrado*), espectador ou observador (*elemento Integrado*, de 2007 e *Nunca te vi*, de 2008) e gosto (*Rosas Azuis*) são questões dos trabalhos da mostra *Obrigação do Horizonte* (título inspirado em um poema de Fernando Pessoa) que remetem a uma tradição e a uma genealogia que os próprios trabalhos celebram, mas que também ajudam a transformar.

Resultante da experiência visual da redondeza da terra, o horizonte é, na verdade, uma construção imaginária indispensável à paisagem e à pintura clássica. Uma linha que, de fato, só existe no corpus dos saberes acumulados pela pintura, da Renascença ao modernismo.

Duas obras da exposição podem ser tomadas qual emblemas do conjunto de trabalhos mais recentes do artista: *Vista Inevitável* e *Nunca te vi*.

A primeira trata da paisagem e seu principal alicerce na pintura ocidental: a linha do horizonte. Ambigüidade e ironia permeiam esse trabalho que consiste na impressão fotográfica de uma montanha sobre uma persiana azul. Ao graduá-la ou erguê-la (ainda que de modo imaginário), desfazemos a cena apresentada por meio das linhas formadas pelas barras que formam o suporte. Seu elemento estruturante tradicional é, no caso, a razão de seu desmanche.

*Nunca te vi* reúne fotos tiradas a pedido de Bruno Vieira por conhecidos (mas não pessoalmente), de diversas regiões do Brasil e do mundo, em lugares de sua escolha ou preferência. Nenhum dos conhecidos pode ser identificado, já que eles só aparecem através de sombras projetadas nas paisagens que fotografaram. A co-participação dos retratados e autores das imagens da instalação, assim como sua presença apenas indicial parecem apontar para a diluição da autoria e para um público não mais apenas contemplativo, em sintonia com o trânsito de fluxos que caracteriza a vida contemporânea.

Fernando Cocchiarale